



Director literario:

Acquaforte
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collares
 PAPUSSE


:: Por ANA PINA ::

Desenho de TIOTÔNIO



Eleonora, se mostravam radiantes de beleza e bom gosto.

Os convidados, uns, dançavam nos salões, principescamente enfeitados, outros, passeavam no jardim iluminado com balões venezianos. Um laçoiu veio dizer ao fidalgo que uns ciganos, que proximo acampavam, desejavam dar uma serenata em honra dos donos do palacio. Sorrindo, D. Eleonora pediu ao marido que consentisse, ao que ele acedeu.

palacio que D Leandro possuia na encantadora provincia do Minho, celebrava-se uma festa esplendorosa. Fazia naquele dia cinco anos a menina Liliانا, a mais nova filha do opulento fidalgo minhoto. O mais velho dos filhos, que eram só dois, o Fernandinho, andava numa roda viva em volta da irmã, mais nova que ele cinco anos. Tanto as duas crianças como sua mãe, a formosa D.

Eram três os boémios. Uma velha muito feia, um rapaz alto, esbelto, de rosto extremamente simpatico, e uma joven lindissima. A cigana cantava e o belo cigano acompanhava o canto com o bandolim. A voz da zingara era melodiosa e cristalina. Ao terminar, uma chuva de moedas caiu na bandeja, que a velha estendia. Os boémios retiraram-se.

Já a madrugada punha manchas azuladas nos espelhos, quando a ultima carruagem se retirou, levando os ultimos convidados.

Perto do palacio de D. Leandro, havia um velho castelo arruinado, onde vivia uma fidaiga, muito idosa, que odiava mortalmente D. Eleonora e seu esposo. Como sabia que todo o orgulho e alegria dos dois esposos eram os filhos, jurara vingar-se nas crianças, mas até ali fóra-lhe impossivel.

Na noite seguinte à festa dada por D. Leandro, a velha aristocrata, por intermedio de uma criada infiel, conseguiu raptar Liliانا.

Num bosque, perto do castelo, os ciganos tinham o seu acampamento. Junto da fogueira, a velha Sara tratava da

ceia, enquanto rapazes e raparigas cantavam e tocavam, formando um conjunto encantador.

O juvenil cigano, que tocara bandolim no jardim dos fidalgos, era o chefe da tribo e a gentil cantora, sua esposa. Um estridente assobio fez saber ao chefe, que alguém se aproximava do acampamento. Pouco depois, a velha fidalga, apareceu, trazendo nos braços Liliãna.

—Cigano, —disse D. Sofia, —entrego-te esta menina. Quero que a leves para bem longe!

—Não queremos crianças, senhora, bem bastam as nossas.

—Acabas de sentenciar à morte esta menina. Se a não levas morrerá!

—Marcos, suplicou a cigana, fica com a menina. Já que não temos filhos, será nossa filha.

Era tão meiga a voz de Viarda, tão doce o olhar que irradiava dos seus olhos pretos, que ele cedeu. D. Sofia retirou-se logo. Viarda beijou a menina.

—Repara, Marcos, como esta pequenita se parece com a filha do fidalgo, que tão bom foi para nós!

Entreabrindo a camisinha da menina, viram um precioso medalhão, todo em ouro, com um nome feito em brilhantes: —Liliãna.

—Olha, Marcos, com esta medalha, ainda a menina, mais tarde, poderá encontrar a sua família.

Passaram-se anos. Liliãna completara dezoito primaveras e era linda. Tinha os olhos e os cabelos castanhos, e, a sua cutis, de um moreno dourado, era soberba. Marcos e Viarda tinham feito dela uma exímia cantora e uma bailarina extremamente graciosa. Ao som da sua voz melodiosa, todos os corações se enterneciam. Os ciganos acampavam nos arredores de Nápoles. Percorriam as ruas da formosa cidade, tocando e cantando, e ganhavam rios de dinheiro.

Certa tarde, em que Liliãna cantava, acompanhada por Marcos, Viarda não tinha mãos a medir para receber as moedas do numeroso grupo que os rodeava. Um pouco afastados, dois cavaleiros e uma amazona, ouviam, com admiração, a linda voz da cigana. Quando os boémios se iam a retirar, um dos cavalheiros foi-lhes ao encontro.

—Boa gente, queria pedir-lhes um favor. Minha mãe,

após um grande desgosto que teve, padece de uma tristeza infinita. Aconselhada pelos médicos, deixou Portugal, nossa pátria, para ver se se curava neste poético paiz. Inutilmente. Porém, a voz dessa pequena, impressionou-me, e desejava que minha mãe a ouvisse. Sou D. Fernando de Aguiar e qualquer vos indicará onde fica o meu palácio.

Os boémios prometeram ir no dia seguinte ao palácio do fidalgo português. Foram.

O jovem fidalgo fê-los entrar num gabinete, onde, uma senhora de cabelos de neve e porte de rainha, se achava sentada, junto de uma joven, bela como uma madona de Rafael, e um mancebo, elegantíssimo. Eram a amazona e o cavaleiro, que na véspera acompanhavam D. Fernando.

Liliãna cantou uma canção portuguesa. Duas lágrimas rolaram pelo palido rosto da aristocrática senhora, que se lembrou de ter ouvido, ha muitos anos, aquela canção no seu palácio, em Portugal.

Fernando e a loura Miriam, casados ha pouco, não repararam na comoção de D. Eleonora. O duque Sérgio, cunhado de Fernando, só tinha os olhos fixos na bonita cigana.

Ao findar o canto, a fidalga tirou do seio uma medalha e deu-a a Liliãna, dizendo-lhe que a guardasse como recordação. A cigana agradeceu.

—Minha senhora, —disse Liliãna, —embora pareça singular, eu possuo uma medalha igual a esta.

A fidalga ergueu-se dum salto. Liliãna, afastando o chale multicolor, mostrou uma medalha igual á da fidalga. Viarda contou a historia de Liliãna e D. Eleonora apertou, enfim, nos braços, a filha, que ha tanto tempo desaparecera.

Mezes depois, na mais bela igreja de Nápoles, realisava-se o casamento de Liliãna com o duque Sérgio. Marcos e Viarda vivem felizes num chalet encantador, presente da fidalga, que quasi enlouquece de ventura com as traquinices de meia duzia de netos.

F I M

Exercicios de Desenho

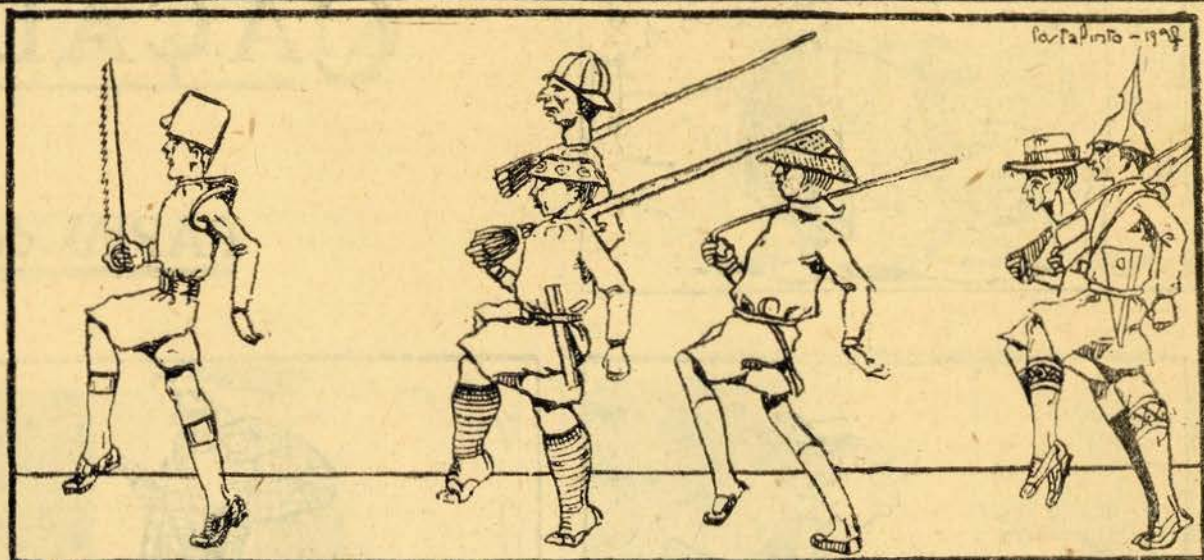


Atendendo á vontade manifestada por grande numero de leitores do Pim-Pam-Pum de aprender a desenhar, iniciaremos no proximo numero uma série de desenhos e exercicios, pelos quais, não ficarão é certo, uns desenhadores exímios, mas, pelo menos, saberão exprimir tão clara-

mente quanto possível, as suas ideias em traços rapidos e seguros.

Não serei o mestre, pois para isso me falta a competência, mas o guia dos vossos primeiros passos de desenho.

TÍOTÓNIO



À HORA DO RECREIO

Por GRACIETTE BRANCO

Desenho de Costa Pinto

BÉBÉ anda no jardim
mascarado
de soldado...
Traz um fato de cotim,
Traz muchila e cornetim,
—parece um mobilisado!...

Pum-Pum-Pum-Catapum...
Tá-tará-tá-tá-tá
tá-tará-tá-tá-tá...

Mais atrás vai a Lili,
um pé aqui, outro ali,
vestida de general,
e a prima Guida, coitada,

vai mais atrás, apressada,
com seu chapéu de jornal!

Atraz dela vai o mano,
todo ufano,
tuc-tuc...
Como é corado e gurducho,
parece mesmo um galucho!
tuc-tuc-tuc-tuc...

E o Bébé marcha na frente,
guiando o seu regimento,
todo importante e contente...

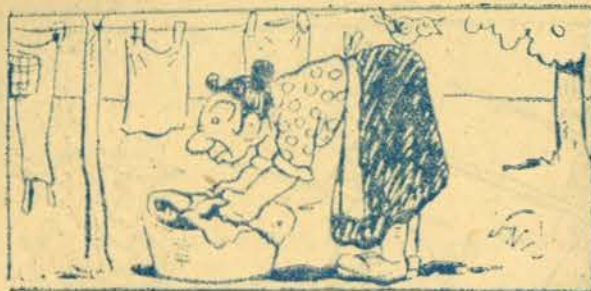
Pum-Pum-Pum-Catapum...
Tá-tará-tá-tá-tá
Tá tárá-tá-tá-tá!...

F I M

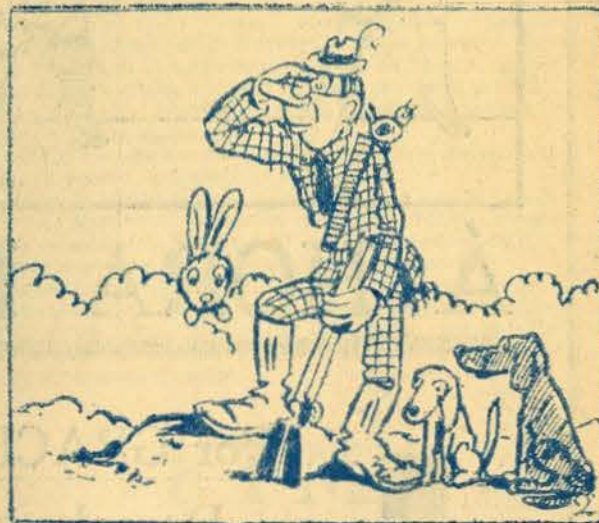
CAÇADOR INFELIZ

POR

PAPIM desenhos de TIO TONIO



Zé Maria dos Casebres
Bastante curto da vista,
Na arte de caçar lebres
Julgava-se um grande artista.



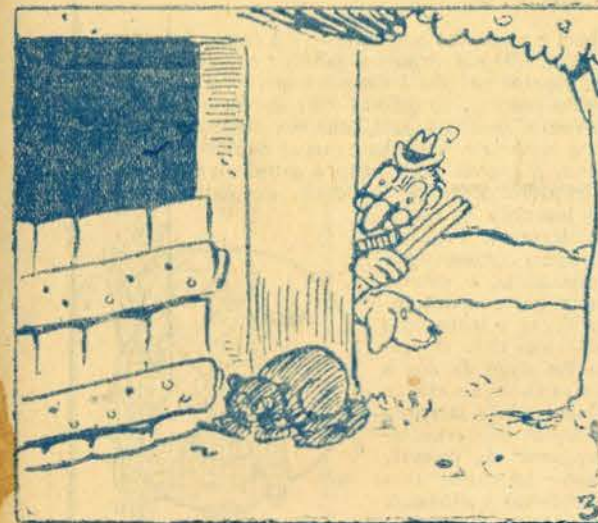
Com seus dois cães sempre em guarda
Dois perdigueiros de raça,
Seus cartuxos e espingarda
Zé Maria vai à caça!...



E que ao ver morta, por terra,
A gata de estimação,
Gesticula, grita, berra,
Pede uma indemnização!



Porque carteira não tinha,
Em vez de lhe dar dinheiro,
Como paga da gatinha,
Entrega-lhe um perdigueiro.



Vendo uma gata «angorã»
Ao pé de um pobre casebre,
O nosso herói brada — «olá!...»
E toma a gata por lebre.



Mas, ao som do grande tiro,
Surge por traz da choupana,
O capataz Casimiro
Que era o dono da bichana:

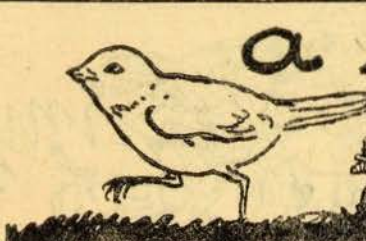


Mais adiante ao ver um
Canito junto a um quintal
Põe a arma à cara e... «pum!»
Dispara um tiro mortal.



Mas, nisto, em grande berreiro,
Surgem os donos do cão,
E como indemnização,
Vai-se o outro perdigueiro!

(VER A CONTINUAÇÃO NA OITAVA PÁGINA)



a cotovia e os credores

Por MARIO TELES MARQUES

Desenho de TioTónio

UMA vez uma cotovia achou-se sem dinheiro e começou a pensar como havia de arranjá-lo. Por fim deu com o plano, que muito lhe agradou. Foi ter com a minhoca e pediu-lhe algum dinheiro emprestado. Disse-lhe que tinha enterrado certa quantia; mas como agora a terra estava dura, porque era a estação seca, tinha de esperar pelas primeiras chuvas... Depois pagaria tudo. A minhoca acedeu; a cotovia foi-se embora com o dinheiro e enterrou-o na lareira, para o gastar de inverno. Então foi ter com a galinha e pediu-lhe mais dinheiro. A galinha acedeu e a cotovia prometeu pagar tudo quando viessem as estações chuvosas. Foi-se embora a cotovia com o dinheiro e enterrou-o ao pé do outro. Depois foi a casa da amiga raposa e pediu-lhe igualmente mais dinheiro; disse-lhe que nas primeiras chuvas cavaría a terra, onde tinha o dinheiro enterrado, e pagaria tudo. A raposa concordou; mal se foi embora, a cotovia levou o dinheiro e enterrou-o. Foi ter com o leopardo; contou-lhe a história do dinheiro enterrado, pediu-lhe algum emprestado e acrescentou que pagaria por ocasião das primeiras chuvas. Acede o leopardo, vai-se a cotovia com o dinheiro e esconde-o novamente. Por fim, foi falar a um homem caçador, contou-lhe o conto do tesouro enterrado, e pediu-lhe também emprestado algum dinheiro, que logo concedeu.

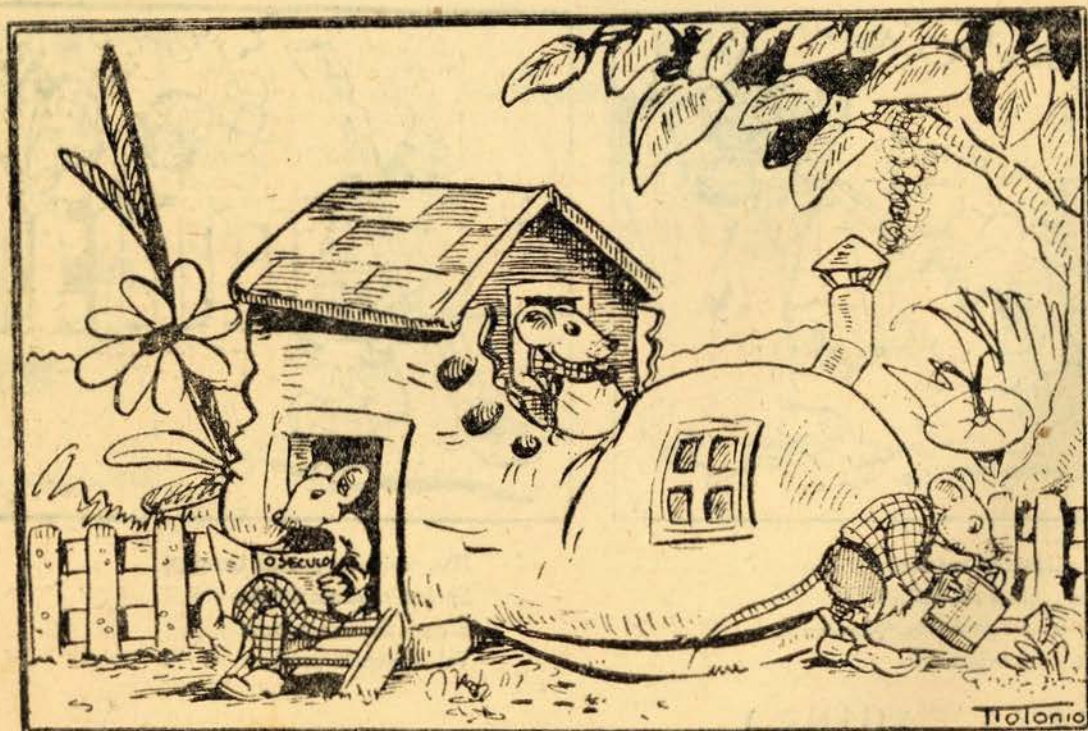
Passaram alguns meses; caem as primeiras chuvas. A cotovia bem viu que os credores haviam de chegar na manhã seguinte. Armon-se dum pau e logo muito cedo pôs-se a cavar a terra. Veiu a minhoca; a cotovia cumprimentou-

a muito bem e pediu-lhe que entrasse em casa e descansasse um pouco. Chegou depois a galinha; cumprimentou-a, mandou-a esperar em casa e disse-lhe que fôsse comendo o que lá se encontrava. A galinha entrou, viu a minhoca e comeu-a. Vem nisto a raposa. A cotovia corteja-a, que entre para casa e espere um nadinha e que se confortasse com o que lá visse. A raposa vai, dá com a galinha e esposteja-a. Vem o leopardo. Pede-lhe a cotovia que entre e mate o bicho. O leopardo dá com a raposa e devora-a. Por fim chega o homem caçador; após os cumprimentos, a cotovia diz-lhe que entre e descanse. Ele entra, vê o leopardo e dispara-lhe um tiro. O leopardo, porém, cego de dor e de sangue, salta-lhe em cima e mata-o, morrendo o leopardo também. Assim morreram todos os credores da cotovia, mas quando foi muito contente desenterrar o dinheiro, não o encontrou. Tinham-na roubado! O que foi muito bem feito por ter feito aos outros o que ela não queria que lhe fizessem a si!

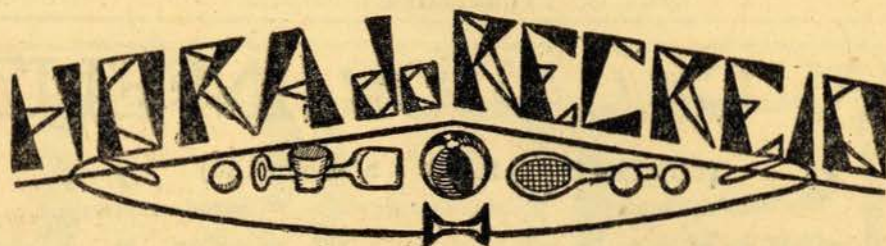


■ FIM ■

PARA OS MENINOS COLORIREM



A casa dos Ratos

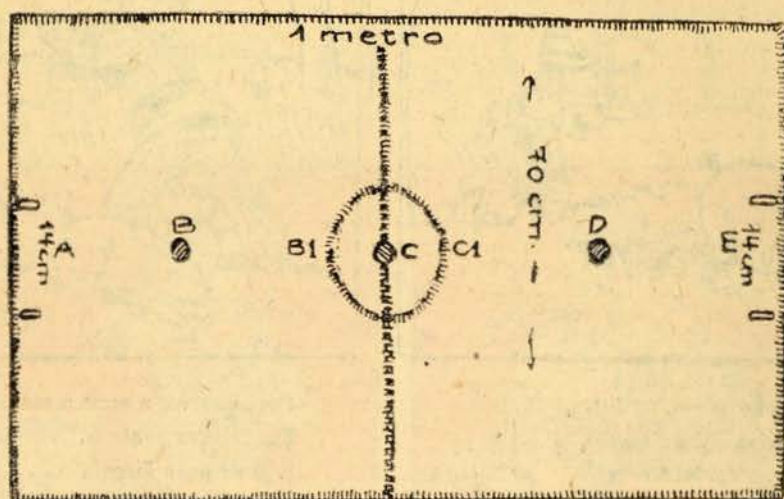


"Foot-ball,, de meza

Não precisa instalações especiais o foot-ball de mesa. Como o proprio nome indica, pode ser jogado em cima de qualquer mesa, desde que não seja excessivamente grande, por não poderem girar em volta, livremente os dois ou mais jogadores.

empurrar a bola para a balisa do adversario. Este evita e avança tambem.

— Quando a «bola» saia fóra, o jogador contrario tem uma saída livre podendo o adversario colocar-se onde melhor lhe convier.



Há duas maneiras de jogar. Só com uma malha de cada lado ou com a linha completa ou sejam 11 jogadores, «keeper» e tudo.

As malhas são: botões grandes para jogadores e um mais pequeno para bola, ou ainda melhor moedas de 1 escudo para jogadores e de 5 centavos para bola.

O campo deve ter aproximadamente 1 metro por 70 centímetros.

Para começar, quando são só dois jogadores colocam-se estes nos pontos marcados pelas letras B 1 e C 1 e a bola ao centro.

Anteriormente tem já escolhido qual será o primeiro a iniciar o jogo.

O jogador é impellido com um lapis ou com o dedo a

— Quando sai o jogador, este recomeça o jogo do ponto onde saiu.

— O «corner» é marcado como no «foot-ball» assim como as demais penalidades.

— São permitidos os encontros no adversario.

Com a linha completa colocam-se os adversarios frente a frente tal como no «foot-ball» a valer, e só joga aquele a que a bola se colocar mais perto.

O «keeper» n'este caso, é o unico que pode andar à vontade dentro da sua área, desde que a deslocação da bola lhe demonstre que a «rede» está mais em perigo de outro lado.

Sobre outros quaisquer assuntos respondem as leis da federação de «foot-ball»...

TioTónio

Decifração do problema do último número



Correspondencia

Meus caros sobrinhos

Tem-nos dirigido ultimamente muitos pedidos de Pim-Pam-Pum atrasados.

Ficam d'esta forma avisado que esses pedidos devem ser dirigidos à:

Administração do Século
Rua do Século, 43 — LISBOA

e virem acompanhados da respectiva importancia e porte do correio.

Podendo sêr, dirão a data em que foram publicados. Só d'esta forma se podem atender as centenas de pedidos que temos recebido.

TIOTÓNIO

UM CAÇADOR INFELIZ

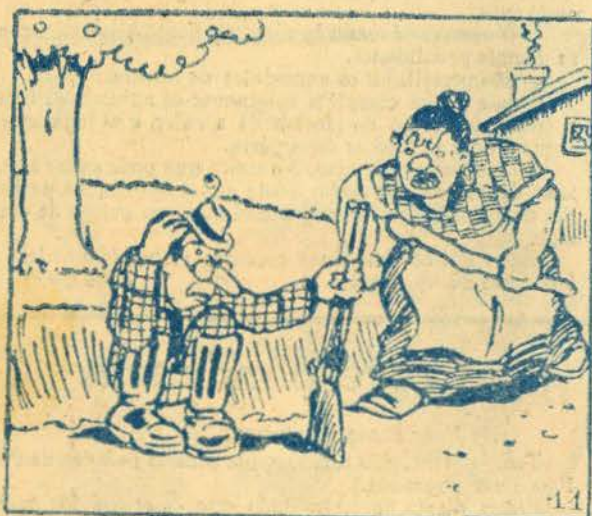
(CONTINUADO DA 4.^a E 5.^a PAGINAS)



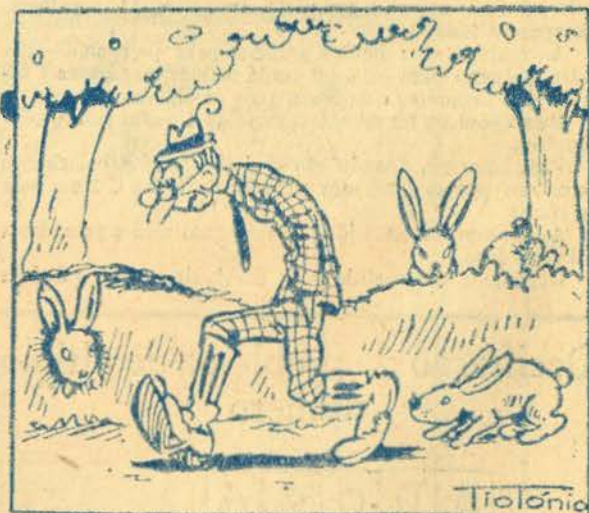
Dá mais uns passos... Então,
Entre a relva côr de azebre,
Depara com um leitão
Que supõe ser uma lebre.



Põe outra vez a arma a cara
Faz certa pontaria,
E já de novo dispara
O «pitosga» Zé Maria



Mas logo a «sôra» Bernarda,
Surge em louco borborinho,
Exigindo-lhe a espingarda
Em paga do bacorinho,



Já de volta... desarmado,
Zé Maria dos Casebres
Vê uma porção de lebres
Verdadeiras... a seu lado!

F I M